

A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES REGIONAIS NA COPA LIBERTADORES

Diogo Corrêa Meyer¹⁶
diogo.correa92@yahoo.com.br
Financiamento: PIBIC/CNPq

Resumo: Busca-se com esta pesquisa compreender o fenômeno da formação de identidades regionais e o surgimento de visões sobre o Outro através do futebol. Para isso, o foco serão alguns confrontos entre brasileiros e argentinos e, num contexto interno, gaúchos e paulistanos na Copa Libertadores da América, principal torneio interclubes da América Latina. As equipes que participam desta competição auxiliam na constituição imaginada de identidades e comunidades e levam consigo uma representação, ora nacional (de um todo), ora regional (de uma parte). Os jornais exercem um papel essencial na produção e reprodução das imagens do Eu e do Outro, reforçando a identidade interna através das narrativas dos jogos. O elemento central analisado será a importância do futebol e dos meios de comunicação impressos que farão a cobertura deste esporte na construção de identidades regionais tomando como base um torneio internacional de clubes.

Palavras-chave: futebol; identidade; meios de comunicação; fronteiras; nacionalismo.

Introdução

O objetivo desta pesquisa foi demonstrar um panorama histórico de como os jornais paulistanos e porto-alegrenses montaram uma visão de alteridade a partir de imagens, depoimentos, crônicas e notícias presentes nestes meios de comunicação. Foram utilizados nesta pesquisa quatro jornais periódicos, a saber: *Folha de São Paulo* e *Estado de São Paulo*, em São Paulo; e *Correio do Povo* e *Zero Hora*, em Porto Alegre¹⁷. A escolha de tais jornais foi baseada no levantamento feito pela ANJ – Associação Nacional de Jornais – dos meios de comunicação impressos nacionais de maior circulação paga por ano. Esta pesquisa é promovida anualmente pelo Instituto Verificador de Circulação (IVC) desde 2002¹⁸. Ao observar estes dados, nota-se que os jornais são aqueles de maior circulação paga em seus respectivos Estados – com a exceção do *Correio do Povo*, que apresentou um declínio no início da década em comparação ao seu maior concorrente regional, deixando de ser o jornal com maior circulação no Estado¹⁹. Tomando como princípio esta construção do “Outro”

¹⁶ Graduando em Ciências Sociais na Universidade Federal de São Paulo e bolsista PIBIC/CNPq.

¹⁷ Além da utilização do jornal *Última Hora* em 1963, pelo fato do jornal *Zero Hora* ter surgido somente em 1964.

¹⁸ As tabelas com podem ser visualizadas neste link: <http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>

¹⁹ É importante ressaltar que, segundo o levantamento, os dois jornais com maior circulação no Rio Grande do Sul são, atualmente, *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*. A escolha pelo *Correio do Povo* é justificada por este ser de uma editora jornalística (no levantamento, Empresa Jornalística Caldas Júnior, atualmente pertencente à Rede Record) diferente das outras duas, que são da mesma companhia (no levantamento, Zero Hora Editora Jornalística S/A, atualmente pertencente ao Grupo RBS, filial da Rede Globo). Além disso, a queda do *Correio*

através da interpretação dos textos apresentados, foi possível observar também a criação de uma imagem do próprio “Nós” através da análise comparativa entre os jornais do Rio Grande do Sul e de São Paulo.

Quando iniciado este projeto, utilizamos em muitas das referências bibliográficas textos que analisam o fenômeno da rivalidade entre Brasil e Argentina. Muitos dos escritores afirmaram que tal ocorrência é recente, oriunda especialmente a partir dos anos 1990 com a criação de periódicos especializados, como o argentino *Olé* e brasileiro *Lance!*

(HELAL: 2011a). Nossa proposta a ser enunciada está longe de ser uma réplica aos argumentos de Ronaldo Helal, por exemplo. Trata-se de propor outra perspectiva de análise do problema, isto é, visamos analisar como, com o passar dos anos, a relação entre brasileiros e argentinos e, num sentido mais regional, entre gaúchos e paulistas, se deu através de confrontos específicos na Taça Libertadores da América.

Com relação às datas analisadas, selecionamos um total de 12 jogos a partir da visão dos quatro jornais brasileiros já citados anteriormente. As pelepas são (com os nomes em negrito representam os vencedores do confronto): **Santos** VS Boca Juniors (final 1963); **Estudiantes** VS Palmeiras (final 1968); **Independiente** VS São Paulo (final 1974); **Grêmio** VS Estudiantes (semifinal 1983); **Independiente** VS Grêmio (final 1984); **São Paulo** VS Newell’s Old Boys (final 1992); **Vélez Sarsfield** VS São Paulo (final 1994); **Boca Juniors** VS Palmeiras (final 2000); **Boca Juniors** VS Santos (final 2003); **Boca Juniors** VS Grêmio (final 2007)²⁰; **Corinthians** VS Boca Juniors (final 2012); e **Internacional** VS São Paulo (final 2006). A maioria dos duelos consistiu em partidas de ida e volta; entretanto também houve casos em que foi necessário um terceiro jogo ou em que foi escolhido (como as finais de 1968 e 1974) e uma ocorrência em que foi analisado somente um jogo (a semifinal de 1983).

Procuramos encontrar a partir dos discursos enunciados nos meios de comunicação impressos a construção de tradições imaginadas que recebem um grande respaldo “científico” de jornalistas e comentaristas. Em suma, buscamos explicitar como os brasileiros identificam os argentinos (e, num panorama regional, como os paulistas identificam os gaúchos, e vice-versa) a partir destes estereótipos característicos do futebol, e não necessariamente buscar em uma análise cronológica a partir de quando se iniciou tal rivalidade. Vale ressaltar também

do Povo frente ao *Diário Gaúcho* deu-se somente no ano de 2010.

²⁰ Vale ressaltar que analisamos também neste período um caso específico apresentado de forma totalmente inesperada em nossa pesquisa: uma acusação dos meios de comunicação gaúchos a um radialista paulista que, um dia antes da partida de volta da semifinal da Copa Libertadores entre Santos e Grêmio na Vila Belmiro, ofendeu publicamente os gaúchos, chamando-os de “bandidos” e “bichonas” (Em *Correio do Povo*, 06/06/2007).

que escolhemos abordar somente alguns jogos entre os previamente selecionados a fim de elaborar uma análise mais precisa nos principais acontecimentos desta relação entre ora brasileiros e argentinos, ora paulistas e gaúchos. Isso não significa que as outras decisões tenham sido excluídas da nossa discussão; entretantes, por estas não conterem acontecimentos tão marcantes quanto em outras, optamos por apropriá-las numa interpretação histórica dos confrontos.

“Nós e Eles”: Considerações sobre a formação da imagem do futebol argentino

O encontro de brasileiros e argentinos é sempre um momento especial no futebol mundial. A rivalidade é muito grande e qualquer vantagem de um sobre o outro é motivo de grande comemoração. É o que acontece na Taça Libertadores da América.²¹

O Grêmio esteve com a vitória nas mãos, no “caldeirão” de La Plata, ontem à noite. Mas depois de tirar uma vantagem no marcador de 3 x 1, diante de um Estudantes com apenas sete jogadores em campo (argentinos tiveram quatro expulsos), o time gaúcho acabou cedendo o empate em 3 x 3 (...) Foi um jogo dramático, nervoso, com muita confusão e agressões de parte dos argentinos, que mais uma vez, em batalha decisiva, impuseram seu estilo.²²

Quando nos referimos ao futebol, a rivalidade entre Brasil e Argentina é, sem dúvida, uma das mais intensas e mais lembradas de todas neste esporte. Pelo menos alguma vez na vida nós, brasileiros, já ouvimos frases como “ganhar é bom, mas ganhar da Argentina é muito melhor”²³, ou então piadas ou comentários (diversas vezes preconceituosos) contra os famigerados “hermanos” em propagandas, em programas televisivos, entre outras formas de comunicação²⁴. O que muitas vezes é visto como uma “brincadeira saudável” por parte de alguns é, na verdade, a fundamentação de um “tipo ideal” de um Outro argentino; e nesta relação de alteridade são fundados padrões de comportamento que estarão associados ao vizinho no imaginário do brasileiro. Como veremos, alguns intelectuais buscaram compreender o surgimento e a consolidação desta relação entre os dois países a partir do

²¹ Em *Estado de São Paulo*, 22/08/1994.

²² Em *Zero Hora*, 10/08/1983.

²³ Uma das célebres frases atribuídas ao comentarista televisivo Galvão Bueno.

²⁴ Um exemplo recente são as piadas referentes ao novo Papa Francisco I, que é argentino. Do lado brasileiro, podemos destacar a repercussão da fala da presidenta Dilma Rousseff sobre tal escolha: “o papa é argentino, mas Deus é brasileiro”. Os argentinos responderam com um grupo de comediantes fazendo uma música debochando dos brasileiros, que num trecho da “Cumbia papal” (nome da música) diz: “Brasileiro, brasileiro, que amargado se te ve, Messi, Maradona y Pancho, son más grandes que Pele (...) la misa no es con caipirinha, comulgamos con fernet”. Os sites com tais notícias estão disponíveis em, respectivamente:

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/03/130320_dilmapapa_deusbrasileiro_mm_dt.shtml e <http://www.opovo.com.br/app/maisnoticias/tecnologia/2013/03/20/noticiastecnologia,3025714/afp-parodia-argentina-sobre-o-papa-debocha-dos-brasileiros.shtml>

confronto direto entre as seleções nacionais e a repercussão destas partidas nos meios de comunicação impressos de ambos os países.

Dessa forma, podemos acreditar que o sociólogo Ronaldo Helal (HELAL, 2011b), ao aproximar-se de uma afirmação em que o “olhar-sobre-o-Outro-argentino” é uma “tradição inventada”, identifica-se mais pela consolidação de tais termos no imaginário dos jornais brasileiros. Outro ponto em que podemos aproximar Helal de nossa discussão é quando nos referimos à inexistência de uma identidade própria do argentino. Em outras palavras, quando ele recorda que o estilo de jogo portenho apresenta (segundo os jornais brasileiros) ora características típicas de uma escola “sul-americana” (com muitos dribles, jogadas individuais, em suma, *jogo bonito*), ora semelhanças com a escola “europeia” de futebol (focado na disciplina tática, mais defensivo, em suma, *futebol-força*); podemos associar isso também à forma como os jornais se referem ao comportamento das torcidas e das agremiações argentinas, sempre os classificando ora como, respectivamente, “violentas” e “catimbeiras”, ora como “fanáticas” e “talentosas”²⁵.

Esta indefinição vai de encontro também com a questão da crise da “modernidade” no futebol argentino, apresentada pelo sociólogo Pablo Alabarces em seu livro *Fútbol y Patria*. Quando o Estudantes de La Plata sagra-se tricampeão consecutivo da Taça Libertadores da América (1968, 1969, 1970) com o “moderno” projeto – muito associado também ao momento de transição política da Argentina peronista para uma ditadura – da prática de um futebol menos técnico e individual, para um futebol mais tático, mais disciplinado, mais físico (e entendemos “físico” também como mais “violento”, mais “desleal”), ou simplesmente o *anti-fútbol*, esta mesma equipe representará a idealização da imagem do argentino. Tal classificação repercutirá nos relatos recolhidos das decisões de 1974 e 1983 (São Paulo x Independiente e Grêmio x Estudantes, respectivamente), onde é possível notar a presença de: violência por parte dos jogadores e da torcida; jogo “feio”, com muito mais valorização de algo que se aproxima mais do ensinamento latino *mens sana in corpore sano* (que será incorporado inicialmente pelo Grêmio e depois pelo futebol gaúcho, como veremos no próximo subtítulo) do que do *fútbol criollo* em si (que, por sua vez, aproxima-se demais do *jogo bonito* brasileiro). Ou segundo Alabarces:

²⁵ Com relação ao fanatismo dos torcedores, vale destacar uma passagem de um jornal paulista do ano de 1968, no confronto entre Estudantes e Palmeiras: “A torcida do Estudantes é de causar inveja à corintiana. A tarde já começaram a desfilar pela cidade com bandeiras do clube (...). Além de gritar, os torcedores (...) cantavam (...). Quando o Palmeiras entrou em campo houve muito mais aplausos do que vaias. Na vez do time da casa, o estádio quase caiu.” Ou seja, dos termos utilizados para a classificação dos argentinos, o mais antigo é o fanatismo de seus torcedores. Em *O Estado de São Paulo*, 03/05/1968.

La alianza es clara: *novedad* – juventud, fortaleza, disciplina, dinamismo, vigor, entereza espiritual y física – más *humildad* (...). Los *valores* de Estudiantes son los mismos que la dictadura en el poder reclama a todos los ciudadanos argentinos: el gobierno militar del dictador Onganía es una alianza entre sectores conservadores y ultracatólicos (...). La Copa

Libertadores de 1968, finalmente ganada por Estudiantes, aparece un nuevo epíteto, en este caso peyorativo: *anti-fútbol*. La procedencia es clara: la tendencia a hacer de los partidos por las Copas verdaderas batallas campales, con heridos y expulsados como saldo (...) sumado al estilo áspero y luchador de Estudiantes. (ALABARCES, 2008, p. 97)

Em suma, o futebol argentino apropria-se nas décadas seguintes do modelo “moderno”, “nacional” e “vitorioso” da equipe de La Plata, o que fomentará material “científico” aos jornalistas brasileiros que afirmam o comportamento “natural” do argentino de ser “catimbeiro”, “violento”, “pouco técnico”, “retranqueiro”, como vimos nos termos lembrados anteriormente. Apoiados em exemplos históricos, como a famigerada “Batalha de La Plata” de 1983, os meios de comunicação nacionais “inventam a tradição” (HOBSBAWN; RANGER: 2008) de que todo e qualquer jogo contra argentino será feio, tenso, violento, duro, entre outras características geralmente associadas a comportamentos hostis. Em contrapartida, estas não são ocorrências unânimes, havendo em alguns jogos o reconhecimento e a superioridade do desempenho da equipe argentina, ou então a admiração da forma de torcer (que transforma o estádio em um “caldeirão”); no entanto, na maioria das vezes é possível identificar termos pejorativos aos argentinos antes dos dias de jogos, o que indica um “pré-conceito” do comportamento deste Outro.

Em outra perspectiva, os argentinos são também “estrangeiros”, segundo critério do sociólogo alemão Georg Simmel. Com efeito, eles são “estrangeiros” uma vez que não possui vínculos sociais propriamente com os brasileiros, mantendo-se numa relação constante de proximidade e distância; logo, o argentino não possui um “solo”, uma classificação fixa (tomando como ponto de partida o território brasileiro), mas sempre características flexíveis que, dependendo do momento, o aproximam ou o distanciam do brasileiro. Segundo Simmel:

O estrangeiro é visto e sentido (...) de um lado, como alguém absolutamente móvel. Como um sujeito que surge de vez em quando através de cada contato específico e, entretanto (...) não se encontra vinculado organicamente a nada e a ninguém, nomeadamente, em relação os estabelecidos parentais, locais e profissionais. (SIMMEL, 2005, p. 267)

Podemos ter como exemplos de distanciamento aqueles eventos relacionados aos acontecimentos dos jogos de 1974 e 1983, onde houve uma grande tensão de ambas as partes, com menções à “barbárie” (como em 1974) e a “violência” (como em 1983). Mas temos

também exemplos de aproximação com o Outro, como a admiração pela “bravura” demonstrada pelo Estudantes de La Plata em 1983 nos jornais gaúchos e admiração constante do apoio dos torcedores argentinos às suas equipes. Tais características serão marcantes nos discursos de técnicos gaúchos para montarem suas equipes, como o caso de Felipão, treinador do Palmeiras em 2000 que cobrava de sua equipe:

Jogar com o espírito e a garra do futebol argentino (...). “Na hora da partida, eles devem apresentar a tradição do futebol argentino que todo mundo conhece”, prevê Scolari. “Se tivermos a mesma força, aliada à nossa técnica, teremos chances de conquistar o título.” (...). Scolari quer também o Palmeiras com um futebol sem “firulas”.²⁶

E, como veremos no capítulo seguinte, ao destacarmos a relação existente entre o Rio Grande do Sul com estes países fronteiriços, haverá uma aproximação do conceito de “comunhão de destino” descrito por Otto Bauer quando este se refere à fundação de uma possível “comunidade cultural” (BAUER: 2005). O depoimento do antropólogo Ruben Oliven pode nos indicar o interesse rio-grandense nesta associação com os países vizinhos:

Do mesmo modo, o renascimento do interesse pelas coisas do Rio Grande do Sul pode ser visto como a afirmação de uma identidade regional não mais em termos de um separacionismo, como na tradição farroupilha, mas enquanto expressão de distinção cultural em um país em que os meios de comunicação de massa tendem a homogeneizar a sociedade culturalmente a partir de padrões muitas vezes oriundos da zona sul do Rio de Janeiro. (OLIVEN, 1986: p. 91)

“Nós e... Nós?”: Perspectivas regionais em um torneio internacional

Time macho esse. Macho à gaúcha. Macho de fazer argentino morrer de inveja. Macho como honra a tradição do Rio Grande. Macho!²⁷

Eles que se separem do Brasil. Vão virar Argentina, virar o que quiserem. Eles dizem que o Sul é o meu país. Pois vão ser outro país. Vão virar o país das bichonas. Não servem para ser brasileiros, são bandidos, não são gente.²⁸

Este subtítulo se iniciará com uma breve apresentação sobre a especificidade do futebol gaúcho em relação ao futebol brasileiro numa forma geral. A produção da cultura de uma região “periférica” apresenta uma produção muito mais intensa do que as regiões “centrais”, com o intuito de “blindar” tradições específicas, através da fundação de instituições culturais (como os CTG – Centro de Tradições Gaúchas – e o MTG – Movimento Tradicional Gaúcho), festivais populares que remetem ao folclore, preservação da cultura

²⁶ Em *O Estado de São Paulo*, 17/06/2000.

²⁷ Em *Correio do Povo*, 17/08/2006.

²⁸ Em *Zero Hora*, 07/06/2007.

através de leis²⁹, o próprio futebol e, em ocasiões extremas, a criação de grupos separatistas³⁰. Características tais que dão respaldo à teoria de que o Rio Grande do Sul – e suas equipes de futebol – seja uma típica “comunidade imaginada”, devido à larga produção cultural efetuada por intelectuais e consumida (e sustentada) principalmente pela classe média desta região (ANDERSON: 2008). Para reforçar esta afirmação, é importante citarmos o antropólogo Ruben Oliven, que afirma sobre o consumo destas “coisas gaúchas”:

A proliferação de “coisas gaúchas” coloca algumas questões: a existência de um mercado urbano de bens simbólicos gaúchos, a definição do que é cultura gaúcha, e a apropriação desta última e sua transformação em traço de identidade social. (OLIVEN, 1986, p. 81)

Para isso, utilizamos como base acontecimentos futebolísticos que são relevantes para a percepção desta relação de alteridade entre gaúchos e paulistas, como os confrontos entre São Paulo e Internacional pela final da Copa Libertadores de 2006 e um jogo válido pela semifinal da edição de 2007 deste mesmo torneio entre Santos e Grêmio. Nestes, pudemos identificar a intensa produção e reprodução imaginada de aspectos relacionados ao outro graças à interpretação das narrativas dos jogos presentes nos meios de comunicação impressos tanto de São Paulo, quanto do Rio Grande do Sul.

Existem, portanto, elementos que auxiliam na compreensão da “invenção de tradições” gaúchas, levando em consideração principalmente o futebol. As várias perspectivas sobre o Outro numa esfera regional também pode ser efetuada; e notamos que há um grande interesse dos rio-grandenses na “blindagem” desta sua cultura “periférica” e a luta para impedir que esta seja “contaminada” pelo “centro”, ao mesmo tempo em que este mesmo “centro” – ou seja, o resto do Brasil – reconheça esta escolha pela diferenciação. Para tais

²⁹ As leis que podemos citar aqui são àquelas que “Oficializam como traje de honra e de uso facultativo em solenidades públicas, para ambos os sexos, a indumentária denominada “PILCHA GAÚCHA”. Este trecho faz parte do Projeto de Lei 806/2007 que está tramitando na Câmara dos Deputados, a fim de que os deputados possam trajar tal uniforme que consiste para os homens em: “botas, bombacha, guaiaca, com ou sem faixa, camisa, colete, casaco ou jaqueta, e lenço”. E para as mulheres: “saia e blusa ou saia e casaquinho ou vestido comprido, saia de armação, bombachinha, meias e sapatos.” (PL 806/2007). Já há uma lei estadual que oficializa tal traje no Rio Grande do Sul, sendo que a legítima “Pilcha” é considerada “somente aquela que, com autenticidade, reproduza com elegância, a sobriedade da nossa indumentária histórica, conforme os ditames e as diretrizes traçadas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho.”. Trata-se da Lei Estadual nº 8.813/1989 da ALRS. Os textos originais da PL 806/2007 e da Lei 8813/1989 estão disponíveis nos respectivos *links*: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=A238CCB91BE9F43F0273CE790EB3E897.node1?codteor=454156&filename=Tramitacao-PL+806/2007 e http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXTO&Hid_TodasNormas=19552&hTexto=&Hid_IDNorma=19552

³⁰ Outra característica que podemos sublinhar é a recriação da própria imagem do “gaúcho” que, como sintetizará o historiador Carlos Guazzelli, “De um significado inicial, em fins do século XVIII, de fora-da-lei e pária social, “gaúcho” passou a identificar os peões das estâncias e, mais tarde, mercê de um longo processo no qual foram fundamentais os intelectuais, praticamente todos os rio-grandenses passaram a ser identificados como “gaúchos”. E essa identidade de “nós gaúchos” é posta em contradição a “eles”, que não são “gaúchos” [os brasileiros].” (GUAZZELLI: 2000).

“tradicionalistas”, é fundamental manter-se distante das mudanças culturais ocorrentes no país. “Por isto”, afirmará Ruben Oliven,

um elemento recorrente no discurso tradicionalista é a referência à ameaça que pairaria sobre a integridade da cultura gaúcha. Os tradicionalistas construíram a figura de um gaúcho, frequentemente retirado do tempo e do espaço, a quem passam a “defender” e considerar como sendo o legítimo representante dos valores do Rio Grande do Sul. A construção social da identidade deste gaúcho cristalizado é feita a partir do passado, não sendo passível de grandes modificações. (OLIVEN, 1986, p. 82)

Ou seja, a construção desta alteridade é oriunda de um grupo composto por intelectuais e uma classe média que, ao mesmo tempo em que fabrica este produto, também o consome. Para participar de tal “comunidade imaginada” requer-se um mínimo de “capital cultural” (BOURDIEU: 2011) que somente os indivíduos de determinada classe são capazes de possuir³¹. Vale lembrar: a comunidade é imaginada, mas jamais imaginária, ou seja, existem traços culturais que possibilitam a existência dela. Por exemplo: o Movimento Tradicionalista Gaúcho e os Centros Tradicionalistas Gaúchos. A fundação do MTG e, logo depois, dos CTG, auxiliam na construção do imaginário do gaúcho como sendo o “tipo ideal” do rio-grandense. A socióloga Caroline Luvizotto afirmará que tais instituições permitem que os gaúchos se reconheçam como um grupo social distinto dos “Outros”, que seriam os brasileiros:

A ideia de pertencimento nacional se esvai em fragmentos soltos, não assumindo proporções significativas na relação com o povo brasileiro e com a ideia do Brasil-Nação. Já a identificação com o estado do Rio Grande do Sul, com o ser gaúcho, assume proporções consideráveis, encontradas em todas as gerações. Trata-se de representações herdadas historicamente e mantidas como um elemento demarcador na relação com o restante do País. (LUVIZOTTO, 2009, p. 85)

Ideia de distinção que está intrinsecamente relacionada com os discursos produzidos pelos meios de comunicação impressos sobre o “Outro” brasileiro nos jogos selecionados envolvendo clubes paulistas e rio-grandenses. Dentre as possibilidades apresentadas, uma que merece destaque é a ideia do *bairrismo*. O colunista do jornal gaúcho *Zero Hora*, Wianey Carlet, escreverá sobre como uma resposta à repercussão dos termos que o radialista Pedro Ernesto Denardin (da Rádio Gaúcha, uma das mais populares do Rio Grande do Sul) proferiu na transmissão do primeiro jogo da final, que terminou na vitória do Internacional de Porto

³¹ “A novidade é constituída pelos jovens das cidades, em boa parte de classe média, que faz pouco tomam chimarrão, vestem bombachas e curtem música gaúcha, hábitos que perderam o estigma de grossura (...). Como o Censo de 1980 mostra que 68% da população do Rio Grande do Sul vive em situação urbana, este mercado está concentrado em cidades.” (OLIVEN, 1985, p. 81)

Alegre sobre o São Paulo no estádio do Morumbi, termos estes com forte referência ao *bairrismo*³². Segundo Carlet:

Somos todos bairristas, em igual intensidade (...). Lá [em São Paulo] como aqui, somos muito parecidos. Embora, bairrismo seja marca na paleta de gaúcho. Quem mandou o Rio Grande do Sul amarrar cavalos em obelisco alheio e enfrentar o restante do país, por 10 anos, a rebençãos e golpes de pelego?³³

O texto utiliza-se de termos “nativos”³⁴ para justificar que o gaúcho é diferente dos outros brasileiros justamente por este *bairrismo* mais concentrado. Podemos relacionar esta afirmação de Carlet com a “cultura de resistência” típica do Rio Grande do Sul como uma tentativa de “blindar” esta produção cultural “periférica”. Nasce daí, como veremos em breve, uma “comunidade imaginada” através da fundação de um “vernáculo” típico, da “invenção de tradições” por intelectuais e, finalmente, devido à propagação deste “tradicionalismo” graças aos meios de comunicação.

Bairrismo este que adquire proporções transnacionais também a partir dos discursos salientados pelos jornais gaúchos em 2007, ano em que os dois clubes da capital, Grêmio e Internacional, estavam disputando as fases finais da Copa Libertadores e da Recopa Sul-Americana, respectivamente. Ou seja, a capital do Rio Grande do Sul era vista como “A Porto Alegre do futebol”, título desta edição especial sobre o futebol gaúcho:

Quem for buscar as origens do estilo e da força que (...) continuam empurrando os grandes times gaúchos para as vitórias e os títulos vai chegar a pelo menos duas vertentes. Uma delas foi citada pelo técnico Mano Menezes, finalista da Libertadores (...): a vizinhança com argentinos e uruguaios. Foi ela que moldou o estilo, juntando a técnica do futebol do continente com a força e a competição platina. A segunda (...) é lembrada a todo momento (...): a irresistível rivalidade. É ela que sempre move a Dupla porque o torcedor não perdoa ficar para trás.³⁵

³² O discurso do radialista foi: “O Inter liquida o São Paulo. O Inter rasga a camisa do São Paulo e pisa em cima dela! O Inter humilha o campeão do mundo! O campeão do mundo destruído pelo futebol do Internacional! Um campeão do mundo que começa a morrer definitivamente nas cores vermelha e branca do time colorado, da gauchada de vermelho! O gol de Sóbis, o menino de Erechim: cara de gaúcho, pinta de gaúcho, roupa de gaúcho, parece gaúcho e o Inter é gaúcho!”. Nele, podemos comprovar o que um jogador do Internacional dirá dias após este jogo em uma entrevista, um sentimento de insatisfação e desapontamento: “A mídia paulista não está nem aí com a gente”. Em *Zero Hora*, 13/08/2006. O discurso representa uma tentativa do futebol do “periférico” Rio Grande do Sul superar o futebol do “centro”, do “campeão do mundo” (destacado diversas vezes pelo radialista a fim de mostrar a grandeza do futebol rio-grandense) São Paulo, símbolo (naquele momento) do “centro” Brasil. A narração está disponível no *link*: <http://www.youtube.com/watch?v=EF425fEvAoI>

³³ Em *Zero Hora*, 16/08/2006.

³⁴ Ocorreu o seguinte evento neste episódio citado por Wianey Carlet: Durante a Revolução de 1930, os cavalarianos do Rio Grande do Sul amarraram seus cavalos no obelisco do Rio de Janeiro, simbolizando o fim do Estado Oligárquico. E tal ocorrência remete a outro episódio histórico: em 1820, os caudilhos artiguistas Francisco Ramirez e Estanislao López fizeram o mesmo no obelisco de Buenos Aires após uma vitória sobre os portenhos.

³⁵ Em *Zero Hora*, 09/06/2007.

É evidente a aproximação do gaúcho com os “estrangeiros” Uruguai e Argentina; tal depoimento nos recorda também da fala do geógrafo Gilmar Mascarenhas sobre o “difusionismo” do futebol por vias platinas (MASCARENHAS, 2000). Foi desta aliança que o futebol rio-grandense montou seu estilo de jogo, adquirindo “a força e a competição platina”, o que podemos traduzir em termos como “raça” e “garra”. E essa “aproximação gaúcha” é muito mais constante e intensa do que a “aproximação paulista” sobre este “estrangeiro” argentino. Os olhares sobre o Outro são diferentes, o que proporciona relações sociais mais ou menos “próximas”. E a segunda vertente é ainda mais interessante: ou seja, a rivalidade entre duas equipes tradicionais do Rio Grande do Sul e do Brasil (a saber, Grêmio e Internacional) faz o futebol gaúcho crescer e se intensificar cada vez mais, tomando o lugar de protagonista no cenário nacional e que corresponde, acima de tudo, a luta quase messiânica do gaúcho pela compreensibilidade do resto do Brasil.

O gaúcho, por outro lado, faz questão de mostrar seu “distanciamento periférico” com o “centro”, com o país, e não esconde isso em suas formações culturais e até mesmo ludopédicas. Em outra edição especial dedicada às glórias adquiridas pela dupla porto-alegrense, encontramos outro depoimento interessante no texto “Futebol é coisa nossa”:

O futebol é um dos aspectos pelos quais os gaúchos manifestam uma certa rabugice em se assumir brasileiros (...) o gaúcho faz questão de marcar diferença entre ele e os demais reforçando a ideia do “jeito gaúcho” de jogar. A saber: força, marcação, chute pra frente se necessário e vitória pragmática nem que seja por meio a zero – uma certa identidade que o gaúcho vai buscar nos seus vizinhos argentinos.³⁶

Logo, o problema inicial que o Rio Grande do Sul aparentava apresentar era sintetizado por estar “longe demais das capitais”³⁷. Entrementes, também há um interesse para que permaneça este distanciamento e a diferenciação com o restante do país. Relação esta que pode atingir traços até de antagonismo, como vimos no futebol: enquanto o Rio Grande do Sul orgulha-se de apresentar um estilo de jogo muito mais próximo do *anti-futebol*, os brasileiros admiram um futebol *jogo bonito*, com mais ataque e individualidade (futebol “firula”, termo pejorativo utilizado pelo treinador gaúcho Felipão enquanto este treinava o Palmeiras em 2000) e menos defesa e coletividade (futebol “pegada”, para lembrarmos o atacante e capitão do time do Internacional, Fernandão, em 2006). A relação entre gaúcho e brasileiro trata-se de uma intensa “inclusão e exclusão” de valores, e com isso é produzida e reproduzida a imagem de ambos – tanto do brasileiro, quanto do gaúcho –, conforme Luvizotto nos lembra:

³⁶ Em *Zero Hora*, 10/06/2007.

³⁷ Referência ao disco de uma das bandas de rock mais conhecidas do Brasil e originária do Rio Grande do Sul: os Engenheiros do Hawaii.

O “brasileiro” é o outro, o estranho, o distante que não faz parte daquele espaço e daquelas relações. Fala-se desse outro sem receios, é permitido fazer críticas, acusar e nominar: “O ‘brasileiro’ é lento, safado, preguiçoso”. Quando a referência se aproxima do universo local, essas características assumem outros sentidos, outras representações: “O povo gaúcho é trabalhador, esforçado, guerreiro. Eu moro aqui, eu sou daqui”, um discurso que exclui e inclui. (LUVIZOTTO, 2009, p. 85)

Considerações Finais

A Argentina é o nosso eterno outro (...). Brasil e Argentina encaram um ao outro como quem se mira num desses espelhos deformadores de parque de diversões (...). O “outro” causa admiração e repugnância ao mesmo tempo. Os argentinos escarnecem da nossa bagunça fundamental, da nossa ignorância, da nossa falta de sentido coletivo. É o jeito de disfarçarem a inveja do que há em nós de sensual, espontâneo e livre. Da mesma forma, abominamos a arrogância argentina, seu pretense europeísmo, o formalismo de sua classe média e elite – e escondemos a inveja de sua arraigada cultura (...). Não existe “o” argentino, assim como não existe “o” brasileiro – só em piadas. Mas há traços de temperamento difundidos de cada um dos lados da fronteira.³⁸

Neste texto apresentamos algumas características principais dos olhares sobre o “Outro” dos meios de comunicação brasileiros e a imagem que é construída do “Eu” a partir destas reproduções. Em poucas palavras, registramos uma “busca por identidades” efetuada pelos jornais através da interpretação destes. Notamos que há diferentes perspectivas de alteridade com o argentino a partir da análise dos textos jornalísticos; tipificações que ora o qualificam de maneira positiva, ora de forma negativa, o que dará, por fim, uma criação no imaginário do brasileiro sobre este “estrangeiro” que, vale repetir, encontra-se numa relação flexível de distanciamento e aproximação.

Mas, dentre estes pontos, vale destacar a maleabilidade que os termos adquirem quando os meios de comunicação se referem aos argentinos. Uma palavra muito comum na classificação deste “Outro” é a “catimba”, ou seja, a utilização de artifícios desleais para retardar o prosseguimento da partida. No entanto, quando esta atitude – “única e exclusiva” dos argentinos – é praticada por brasileiros, ela adquire novos ares, e torna-se uma “inocente” “malandragem”. Tal mudança nos indica também a mutabilidade que os costumes apresentam e, segundo Helal e Lovisolo:

A “catimba” quando feita por brasileiros é narrada no Brasil como “malandragem”, como algo positivo, mas para falar da “catimba” dos argentinos o tom é moralista, como “deslealdade”. (HELAL; LOVISOLO, 2007, p. 10)

³⁸ Em *O Estado de São Paulo*, 23/06/2007.

Em suma, da mesma forma que os argentinos são “catimbeiros”, “arrogantes”, “violentos” em uma ocasião, pontos exibidos com orgulho pelos jornais como se isto não houvesse no Brasil; em outro período eles podem ser “talentosos”, “determinados” (entenda como “raçudos”), “apaixonados” pelo futebol, às vezes até mais do que nós, brasileiros, conforme vimos o comportamento de seus torcedores segundo o olhar da imprensa brasileira, e são nestas características que os admiramos e lamentamos não possuir. E estas especificidades são perceptíveis através dos meios de comunicação e a cobertura efetuada por estes numa competição internacional da grandeza da Copa Libertadores da América.

E, claro, a admiração e o repúdio a estes “estrangeiros” são dados de maneiras diferentes pelos jornais de cada região. De um lado, nos periódicos de São Paulo, os argentinos são caracterizados, na maioria das vezes, com termos negativos e que promovem um distanciamento maior deles. Por outro lado, os tabloides rio-grandenses veem seus vizinhos de fronteira muito mais próximos do que o “centro” do Brasil; logo, os termos que denotam comportamentos “característicos” dos argentinos são carregados de entoações positivas.

Características estas que podem ser justificadas a partir do longo discurso de “crise” fomentado pelas instituições culturais rio-grandenses, como no caso emblemático do amistoso de 1972 entre a seleção brasileira e o combinado gaúcho em Porto Alegre apresentado por Carlos Guazzelli, que afirma:

A situação de “crise” é fundamental na conformação de um antagonismo entre o Rio Grande e seus interlocutores. As “crises” (...) são normalmente atribuídas a motivos externos ao Rio Grande, grades no âmbito dos que se aproveitam dele e não retribuem os benefícios alcançados, o que muitas vezes é diretamente associado ao Estado nacional, controlado por “eles”. “Eles” são contrapostos a “nós”, o que exige a criação de uma “identidade” entre “nós” (...). A “nostalgia” remete a esse passado no qual o Rio Grande fez valer a sua força contra os inimigos fronteiriços e em favor de uma entidade magna (...) resgatando-se um papel de proa como defensor primeiro da própria nacionalidade (...) esta é usada para mobilizar a “identidade” de todos para o combate da “crise”. (GUAZZELLI, 2000, p. 22)

A partida, que terminou empatada por 3 a 3, apresentou aspectos dignos de serem lembrados em nossa discussão. Tudo começou devido a não escalação de um jogador rio-grandense para um amistoso da seleção brasileira após a Copa do Mundo de 1970. Zagallo, até então técnico da seleção, não chamou o lateral gremista Everaldo. Tal ocorrência provocou a ira dos rio-grandenses que, na figura da Federação Gaúcha de Futebol, convocou

o “amistoso”. Era a exemplificação dos discursos de crise, nostalgia e identidades postos em prática. O jogo fora marcado por gestos “antipatrióticos” foram perceptíveis durante o jogo: os torcedores “gaúchos” vaiaram o Hino Nacional e a entrada em campo dos jogadores “brasileiros”. Ademais, bandeiras do Brasil foram queimadas no interior do estádio, além de haver uma grande quantidade de bandeiras do Estado do Rio Grande do Sul. Cada vez que um jogador da seleção brasileira tocava na bola, era vaiado, ao ponto de quando Jairzinho marcou um gol para a seleção brasileira, correu em direção à torcida mostrando a camisa amarela do Brasil, o que provocou uma fúria ainda maior nos torcedores. Torcedores estes que eram em sua maioria colorados e gremistas, que se mostravam unidos por uma causa maior que a rivalidade regional: o próprio orgulho da região.

O distanciamento do “centro” Brasil é uma forma de defender as “tradições” gauchescas. Ao mesmo tempo, há uma tentativa de aproximação com este “centro” nos discursos de “nostalgia” exprimidos no tradicionalismo rio-grandense, como o Estado que “escolheu” ficar do lado brasileiro. Ademais, nota-se que o futebol incorpora este discurso efetivado pelas instituições responsáveis por consolidar uma imagem do “tipo ideal” gaúcho (como os CTGs). Há, portanto, as características necessárias para afirmarmos que o Rio Grande do Sul é uma “comunidade imaginada” (ANDERSON: 2008) e que o futebol – e, especialmente, os meios de comunicação que cobrem este esporte – auxilia na consolidação destas imagens produzidas e reproduzidas incessantemente por estes grupos sociais, através da teatralização deste espetáculo, transformando-o num palco de conflitos e guerra, onde os acontecimentos históricos ressurgem a fim de oferecer respaldo para a superação do adversário.

Referências bibliográficas

ALABARCES, Pablo. *Fútbol y Patria*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAUER, Otto. *A Nação*. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). *Um mapa da questão nacional*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *Cuestiones de sociologia*. Traducción de Enrique Martín Criado. Madrid: Akal, 2011.

GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. *500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho*:

construção da “provincia de chuteiras”. In.: *Revista Anos 90 do programa de pós-graduação em história da UFRGS. Nº13*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

HELAL, Ronaldo. *Espírito para lá de esportivo*. Rio de Janeiro: Revista de História da Biblioteca Nacional, Maio 2011a. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/espírito-pra-la-de-esportivo>

_____. *Os “hermanos” nos amam*. Rio de Janeiro: Revista de História da Biblioteca Nacional, Maio 2011b. Disponível em: <http://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/os-hermanos-nos-aman-ronaldo-helal2.pdf>

HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo. *Jornalismo e futebol: argentinos e brasileiros ou do “odiar amar” e do “amar odiar”*. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Comunicação e Sociabilidade”, do XVI Encontro da Compós, na UTP, em Curitiba, em junho de 2007. Disponível em: <http://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2011/02/jornalismo-e-futebol.pdf>

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). *A Invenção das tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. *Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

MASCARENHAS, Gilmar. *A via platina de introdução do futebol no Rio Grande do Sul*. In.: *Lecturas: Educación Física y Deportes. Año 5. Nº26*. Buenos Aires: Revista digital “Efdeportes”, 2000. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd26a/platina.htm>

OLIVEN, Ruben George. *A Fabricação do Gaúcho*. In.: *Cadernos CERU, Centro de Estudos Rurais e Urbanos, Nº1*. São Paulo: USP, 1986.

SIMMEL, Georg. *O Estrangeiro*. In.: *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção. Vol. 4. Nº12*. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. João Pessoa: UFPB, 2005. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/grem/SIMMEL.O%20estrangeiro.Trad.Koury.rbsedez05.pdf>

Tabela Maiores jornais do Brasil. Disponível em: <http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil> Acesso em: 05/10/2013.

Lei Estadual da disposição sobre a forma e a apresentação dos símbolos do Estado do Rio Grande do Sul. *Lei nº 5.213, de 5 de janeiro de 1966*. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/LegisComp/arquivo.asp?Rotulo=Lei%20n%C2%BA%205213&idNorma=523&tipo=pdf> Acesso em: 05/10/2013.

Lei Estadual da disposição da comemoração do Dia do Gaúcho. *Lei nº 9.405, de 25 de outubro de 1991*. Disponível em:
http://www.al.rs.gov.br/Legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXT0&Hid_TodasNormas=16623&hTexto=&Hid_IDNorma=16623 Acesso em: 05/10/2013.

Lei Estadual da “Pilcha Gaúcha”. *Lei nº 8813, de 10 de janeiro de 1989*. Disponível em:
http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXT0&Hid_TodasNormas=19552&hTexto=&Hid_IDNorma=19552 Acesso em: 05/10/2013.

Lei Federal da “Pilcha Gaúcha”. *Projeto de Lei nº 807/2007*. Disponível em:
http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=A238CCB91BE9F43F0273CE790EB3E897.node1?codteor=454156&filename=Tramitacao-PL+806/2007
Acesso em: 05/10/2013.